

OBSERVAÇÕES LITERÁRIAS DE UM CIDADÃO PORTUGUÊS SOBRE A PRODUÇÃO DE JOSÉ DE ALENCAR NA REVISTA FLUMINENSE *QUESTÕES DO DIA*

LITERARY NOTES OF A PORTUGUESE CITIZEN ON JOSÉ DE ALENCAR PUBLISHED IN FLUMINENSE MAGAZINE *QUESTÕES DO DIA*

Valdeci Rezende Borges¹

Resumo:

No espaço invisível da imaginária cidade das letras, centrada na Corte brasileira de meados do século XIX, os campos da cultura e da política imbricados foram lugares de lutas acirradas para formar a nação e uma identidade nacional. Alencar combateu por uma literatura “brasileira” nos temas e “moderna” na forma em confronto com vários intelectuais. Inserido nas trincheiras lusas e usando pseudônimo, o português José Feliciano de Castilho (Lúcio Quinto Cincinato) foi crítico ferrenho de sua obra literária. É objetivo deste artigo abordar, por meio de alguns textos da revista fluminense *Questões do dia*, de 1871,

as observações literárias realizadas por Cincinato, endereçadas a Semprônio, sobre a prática literária de Alencar, focando *O Gaúcho* e *Til*.

Palavras-Chave: José de Alencar, *Questões do dia*, recepção crítica.

Abstract:

In the middle of nineteenth century, in the invisible space of Brazilian Court imaginary city of letters, culture and politics were imbricate fields where exasperated struggles to form a nation and a national identity took place. Confronting many intellectuals, writer José de Alencar advocated a “Brazilian”

¹ Dr. em História pela PUC/SP. Prof. do Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão; Prof. do programa de mestrado Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da UFG/Campus Catalão. O presente trabalho é produto do projeto mencionado e foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Bolsa Produtividade. E-mail: valdecirezborges@yahoo.com.br

literature in its themes and a “modern” one in its form. One of the inflexible critics of Alencar’s literature was Portuguese Lucio Quinto Cincinato, who wrote his critiques under the pseudonymous of José Feliciano de Castilho. Aiming to analyze some of Cincinato’s literary observations addressed to Semprônio, this

As cidades têm sido objetos de investigação histórica sob diversos olhares, como produto das atividades humanas e objeto de cultura, revelando práticas variadas nelas realizadas, guardadas de modos diversos, como nas produções literárias. Pesquisar as práticas intelectuais, a exemplo do fazer literário e sua recepção, inseridas no universo urbano, por meio das representações aí edificadas, possibilita-nos lê-las num âmbito específico, captar ideais, projetos, apoios e confrontos, conhecendo experiências vivenciadas naquilo que Rama chama de cidade das letras. Segundo o autor, no centro de toda cidade há uma cidade letrada diretamente associada às esferas do poder, composta por uma plêiade de múltiplos intelectuais, que tratam das questões que emanam de tais âmbitos e das linguagens simbólicas ligadas a esses. Na imagem

paper considers some of his writings on Alencar’s literary output — especially *O gaúcho* and *Til* books — published by Rio de Janeiro-based magazine *Questões do Dia* in 1871.

Key-words: José de Alencar, *Questões do dia*, critic reception.

espacial da cidade, uns justificam o poder, enquanto outros exercem a escrita como arma contra suas manifestações. (RAMA, 1985, p. 43,17).

Nesse sentido, o conceito de campo intelectual nos ajuda a elucidar a configuração e a historicidade da produção de Alencar e de sua recepção crítica por dizer respeito ao lugar de onde falava, em que se inseria e relacionava com outros escritores. Lugar circunscrito e estruturado ao redor de posições que esses produtores culturais ocupavam na sociedade e no meio intelectual, no qual estabeleciam relações entre si e com outros campos da vida social, sendo marcado pelos jogos de poder e vinculado ao campo político. Campos esses diversamente segmentados, delimitados por posições, hierarquias e disputas por lugares, prestígios e reconhecimentos por um grupo de agentes

em relação a outros mediante a consideração de regras e instâncias legitimadoras específicas, socialmente construídas e convencionadas. Lugar de diferentes posições, hegemônicas ou não, de estratégias e jogos de cada segmento, como as polêmicas e os rituais criados num processo dinâmico de interdependências. (BOURDIEU, 1992, p. 183-202).

Nos embates acerca da formação da nação e de invenção de uma identidade nacional, José de Alencar combateu por uma literatura “brasileira” e “moderna”, entrando em confronto com diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros. Nas hostes lusas, sob a máscara de um pseudônimo, o português José Feliciano de Castilho (Lúcio Quinto Cincinato), dentre outros, fora censor ferrenho da obra alencariana. É objetivo deste artigo abordar, por meio de alguns textos da revista *Questões do dia*, de 1871, as observações literárias realizadas pelo “cidadão” português Cincinato sobre a prática literária de Alencar ao ater-se aos romances *O Gaúcho* e *Til*.

José de Alencar (1829-1877), em vários ensaios críticos, refletiu sobre as relações entre a língua portuguesa e a diversidade linguística existente no Brasil, entre a linguagem literária e a coloquial, entre a

história, a cultura e a natureza. Suas propostas e defesas dessas balançaram o campo intelectual oitocentista brasileiro e luso, em combates e lutas calorosas, por uma forma de representação do Brasil como nação. Em “Como e porque sou romancista”, de maio de 1873, texto de caráter autobiográfico, Alencar mencionou que, em 1870, passava para outra idade como romancista, a segunda: “Aí começa outra idade de autor, a qual chamei de minha ‘velhice literária’, adotando o pseudônimo de Sênio, e outros querem seja a da decrepitude.” Em tais condições, Alencar, animado por encontrar um editor, escrevera mais três romances: *O gaúcho*, *A pata da gazela* e *O tronco do ipê*, assinados por Sênio, marca de sua “velhice precoce”, aquela “da alma que deixam as desilusões”. (ALENCAR, 1965, v. 3, p. 21; ALENCAR, 1965, v.1, p.120-1).

Sobre essa nova fase de sua vida literária, “fase de dissabores, de tristezas íntimas e de pessimismo cruel”, frutos das desilusões, pela corrupção e isolamento moral, o autor já havia se referido, no prefácio de *O Gaúcho*, elaborado em novembro de 1870, no qual explicou a adoção do novo pseudônimo ou máscara:

Que significa este nome _ Sênio _ no frontispício de livros que vozes benévolas da imprensa já atribuíram a outrem? [...] Era preciso um apelido ao escritor destas páginas, que se tornou um anacronismo literário. Acudiu esse que vale o outro e tem de mais o sainete da novidade.[...] Porventura escolhendo aquela palavra, quis o espírito indicar que para ele já começou a velhice literária, e que estes livros não são mais as flores da primavera, nem os frutos do outono, porém sim as desfolhas do inverno? (ALENCAR, 1965, v. 3. p. 21).

Se, em 09 de janeiro de 1870, Alencar deixara a pasta de ministro da Justiça para candidatar-se ao Senado, sendo eleito em primeiro lugar, já nos fins de abril, D. Pedro II vetou sua indicação e escolheu o segundo e o quinto colocados da lista sêxtupla como os novos representantes do Ceará no Senado, deixando-o transtornado. Ao voltar à Câmara dos Deputados, fez oposição cerrada ao Imperador. Nascia o “inimigo do rei”, e a proposta de erguer uma estátua ao rei fora a deixa para o retorno do terrível panfletário, que andava adormecido. (NETO, 2006, p. 292, 296).

No ano de 1871, Alencar defendeu suas posições

na Câmara dos Deputados e buscou expurgar seus ressentimentos, embora essa não lhe desse mais entusiasmo, apenas desconanças. Assim, fez, de forma tenaz e veemente, uma campanha contra seu antigo colega do Ministério de 16 de Julho, que chefiava, no momento, o gabinete que subiu ao poder a 7 de março de 1871, o visconde do Rio Branco. Opôs-se a, praticamente, tudo o que ele propôs ou defendeu, combatendo a viagem do Imperador ao estrangeiro e sua substituição pela princesa Isabel, a subvenção à imprensa e o projeto do Ventre Livre escravo. Nesse contexto, na fase mais aguda dessas discussões, meados do ano, fora criada a revista semanal *Questões do Dia: observações políticas e literárias escritas por vários e coordenadas por Lúcio Quinto Cincinato*, pseudônimo do português José Feliciano de Castilho, seu fundador. Nela, surgiram cartas políticas e literárias, em tom panfletário, com a intenção de combater as ideias, os pensamentos e os posicionamentos políticos de Alencar, discutindo seus pronunciamentos na imprensa (no *Dezesseis de Julho* e no *Jornal do Comércio*) e no parlamento. O motivo do debate eram, sobretudo, as questões acerca do poder pessoal do imperador e do elemento servil, da escravidão e do projeto de abo-

lição do cativo ao qual Alencar se opunha. Foram trazidas à cena as ideias e posições de Alencar no campo da política imperial, suas produções e concepções literárias, com a intenção de desqualificá-lo. A pena de Castilho, semana após semana, auxiliada por Franklin Távora e outras, investiu contra ele a serviço do gabinete de Rio Branco. (MAGALHÃES JR., 1977, p. 274, 292; MENEZES, 1977, p. 298).

Foram publicados 50 números da revista e, ainda em 1871, a Tipografia e Litografia Imparcial reuniu, em volume, os 20 primeiros números enfaixados no tomo I. O tomo II foi editado no ano seguinte com mais 20 fascículos, abarcando o período de 14 de novembro de 1871 a fevereiro de 1872. O terceiro tomo foi constituído pelos 10 restantes. Nas primeiras missivas, fica nítido o motor do empreendimento; as discussões ao redor de duas questões da ordem do dia: o exercício do poder pessoal de D. Pedro, atacado por Alencar e o projeto de emancipação do elemento servil. Alencar, na imprensa e na câmara dos deputados, batia contra seus adversários, ao denunciar e questionar o uso do poder pessoal do soberano, opondo-se ao projeto do ventre livre e apontando a presença e a interferência de estrangeiros em questões nacionais,

como da pena mercenária de Castilho, paga pelo governo para defender o Imperador, o projeto e as iras que desencadeou. Castilho, por julgar que “o nobre disputante [...] decidiu esmagar-me”, abriu fogo contra Alencar junto a outros aliados e reforçou uma visão negativa do adversário e seu grupo e um olhar positivo daquele a que pertencia.

Nas primeiras sete cartas, Castilho, com o pseudônimo de Cincinato, voltou-se para as questões políticas, tachando as ideias de Erasmo (Alencar) a respeito do Poder Moderador, de incoerentes após seu rompimento com o Imperador. As críticas foram incisivas ao defender o projeto de Rio Branco da oposição de Alencar. Já a partir da sétima carta, Távora, com pseudônimo de Semprônio, associou-se à tarefa, e empenhou-se em desmontar a reputação literária do romancista, indicando erros gramaticais, inverossimilhanças, deslizos na concepção e composição de personagens, sobretudo de *O gaúcho*. (MAGALHÃES JR, 1977, p. 293; MENEZES, 1977, p. 298-9).

Castilho dedicou-se, além de esmiuçar as contradições do político, com especial atenção, aos problemas de linguagem nos escritos de Alencar, colocando-se na posição de fazer correções de neologismos e

da “linguagem brasileira”, que considerava espúria, pois, aferrado à gramática de forma estreita, ao latim e à erudição clássica. Empenhado em demonstrar, nos escritos do romancista, o mau emprego dos pronomes, arvorando-se em mestre do bom gosto e do estilo, documentava-os, ao passo que expunha algumas regras de colocação, desenvolvendo uma campanha para modificar esse uso. Ao discutir tais questões acerca da língua portuguesa, logo, remetendo-se às nacionalidades, ele identificava no escritor brasileiro o perigo da perda de influência da cultura portuguesa no Brasil. (MENEZES, 1977, p. 301-2; MAGALHÃES JR, 1977, p. 294-5; RODRIGUES, 2001, p. 138).

Cincinato (Castilho) redigiu, no ano de 1871, no primeiro exemplar da revista *Questões do Dia*, 4 cartas a Semprônio (Franklin Távora). Ele, que dedicara sua atenção às “observações políticas”, a problemas como o poder pessoal do imperador, os estrangeiros e a vida nacional, a escravidão e o projeto de lei do ventre livre... , deixando a Semprônio as análises literárias, iniciadas no fascículo 5, sob o título “Obras de Sênio – O Gaúcho”, passou, a partir do número 9, a escrever as “Cartas de Cincinato a Semprônio”, versando sobre literatura:

Forçaram-me a trocar as políticas pelas literaturas. [...] Em qualquer desses campos, sou eu um curioso muito inválido, mas enfim tudo serve: quem não pode brandir clava, descarrega piparote, e as minhas aspirações não sobem a mais. As infalibilidades são para os Papas das letras, *Senios, V. & Ca.*; eu, na igreja do abc, apenas invergo a opa de sacristão. Olho para os livros, como boi para palácio. (CINCINATO, 1871, t. I, n. XIX, p.6).

Na primeira carta de Cincinato a Semprônio, presente no fascículo 9, de 28 de setembro, agradeceu ao amigo “as admiráveis cartas” nas quais vinha analisando o “famoso *Gaúcho*, com inteligência e agudeza crítica tal”. Considerou sua pena como possuidora da “mais alta missão” e como “modelo para semelhantes estudos”. Mas ponderou que, ao ler o romance, confrontando as apreciações ao documento, não lhe pareciam justas e severas, mas brandas e concessoas de qualidades imaginárias ao escritor descontando seus pecados. Ante “tal livreco”, julgou o escritor, “não é mais que um operário da comuna literária, demolidor feroz, petrolizador intelectual, digno membro do diretório da *Escola Coimbra*.” (CINCINATO, 1871, t. I, n. IX, p.7).

Assim, alinhou Alencar ao grupo de jovens intelectuais rebeldes que, a partir de 1865, desencadearam em Coimbra uma reação contra a degenerescência romântica e o atraso cultural do país, com um projeto de reforma, regeneração e revisão das mentalidades, gerador de grande polêmica. O grupo fora atacado por António F. de Castilho, que bateu contra sua poesia moderna e ininteligível, ridicularizando-os. De um lado, reuniram-se os intelectuais conservadores, como Castilho, formado na dissolução do neoclassicismo arcádico, o qual nunca abandonou; do outro, uma nova geração, petulante e irreverente, rebelde à disciplina da academia e aos acadêmicos, à tirania do gosto literário vigente, inconformada com os valores oficiais da sociedade, aberta às recentes correntes de ideias e estéticas europeias e que repudiava as literaturas oficiais e governamentais, dando início ao espírito contemporâneo nas letras portuguesas. A refrega prolongou-se e o grupo, que se sublevou contra Castilho, junto a outros intelectuais, em 1871, buscou colocar Portugal a par da atualidade europeia, com o movimento moderno (GUERRA DA CAL, 1979; QUESTÃO COIMBRÃ, 2003-2011).

Se os projéteis de tal batalha literária portuguesa alcançaram o Brasil e Alencar fora associado aos

rebeldes, delimitando sua hoste, Castilho avaliou que Távora fora brilhante ao dissecar o primeiro capítulo do livro, mas ressaltou, com ironia, que ainda saltavam sobre ele mil “belezas” que requeriam uma enciclopédia para aquilatá-las.

Concordo contigo: este escrevedor tem a mania da novidade; *Il lui faut du nouveau, quand Il n'y en a plus*; logo no próêmio desta cousa, nos diz ele que *na novidade é que ele acha o sainete*; é da raça dos tais que não hesitarão em descrever o mar como encarnado e o círculo como bicudo, só para conquistarem a glória de ceifar estranhezas, e dar à luz novidades; foi quem aconselhou Alcibiades a corta o rabo do cão. Onde a imaginação lhe parece frouxa, ou desenfreada, pouco importa; aceita-se tudo; as maiores loucuras, chama-se originalidade; o devaneador é chefe de escola, e já que não pode brilhar pelo senso comum, contenta-se com o pechisbeque de casa. (CINCINATO, 1871, n. IX, p.7-8).

Se Alencar, “este Deus”, possuía estilo pomposo que encobria pobreza ou falta de ideias, mesmo assim, tendo “adoradores”, poderiam “outras muitas curiosidades” ser observadas no “tal capitulinho”, “objeto

dos espantos”. Dissecando sua escrita, ateu-se ao que chamou de “eloquência” e “verbosidade” ou “abundância estéril”, ao catar termos usados, problematizando-os e questionando as imagens apresentadas:

[...] é uma imensidade de imensos, que demonstram a imensa ciência de Sênio na arte de escrever. [...] Basta, basta! Um capitulosinho de 120 linhas de letra garrafal, apontado como a melhor cousa e pórtico da obra, deu margem para a tua carta magnífica, e deixou-me estes sobejos, ficando ainda intacta matéria para outras tantas observações. Tens pois razão às caradas, repito. Eis aí as bulas com que certos escritores se colocam a si mesmos em nichos do panteon literário. Também os fariseus afetavam ser nimiamente severos, pagavam o dízimo, e ostentavam observar as cerimônias da lei; mas acharam quem lhes desmascarasse o orgulho e a hipocrisia, e os expulsasse, Deus sabe como, do templo. Tomaram [sic] eles continuar a ter forças para condenar ao suplício da cruz. (CINCINATO, 1871, n. IX, p.14-5).

Já na segunda carta a Semprônio, se antes a linguagem e as imagens usadas na leitura recorriam ao universo religioso, agora emergem aquelas ligadas

ao universo militar e suas ações de combate e guerra. Semprônio fora designado como “Marechal do Exército”, e ele, Cincinato, como simples “Tambor”, referindo-se ao ofício especializado, mas não nobre, pois mecânico, de percutir a caixa de guerra, ressaltando que tinham um ponto em comum - “ambos pertencemos à mesma milícia”. Assim, a palavra de ordem era: “Continuemos a campanha”. (CINCINATO, 1871, n. XI, p.4).

De posse do “livro monumental”, convidou Sênio para ser seu preceptor, e passou a “proscrever todas as noções que tinha do idioma, substituindo-o por uma língua incógnita, nova, moderna, triunfante, conquistadora e fresca”, a que deu no nome de “*Senial*”. Encontrou também a impregnar “nas frases, imagens, descrições e locuções, não menos *Seniaes*”, na esperança de “poder vir a arremedar o gênero pantafaçudo”, porque onde lhe faltasse a ideia, buscaria “uma fraseologia onomatopaicamente campanuda, fraseologia pããampa [sic]”, com a qual acreditava poria seus “admiradores boquiabertos e zonzos.” Seguiria “a moda coimbrã”, a moda “já proclamada pelas *Cacholetas*”. Expôs as repreensões já anunciadas em público e em voz alta:

Hoje é moda estilo abstruso;
 Enrodilhar palavrões.
 Nunca perde por confuso
 quem fizer alocações.
 É moda que tem pegado,
 Porque vem de autor graúdo,
 Que devera dar ao estudo
 o tempo mal empregado
 em tecer, por modo novo,
 os discursos nebulosos
 de que se ri todo o povo. (CINCINATO, 1871, n. XI, p.5).

Castilho prosseguiu seu propósito de apontar a décima parte “das belezas que esfervilham por toda essa bíblia do bom gosto”. Nos seus irônicos estudos da língua, questionou o emprego de expressões, problematizou diálogos, como um “opulentíssimo em gramática e vernaculidade”, afirmando que fora “um dos que ficaram corridos de vergonha, de não ter aprendido tão correta língua” e que “estilos assim [eram] ainda menos românticos que didáticos”. (CINCINATO, 1871, n. XI, p.5-6).

Ao avançar em seus estudos, focou as locuções “que Sênio reproduz a cada passo” e que lhe afiguravam incorretas. Em relação a este aspecto, ponde-

rou: “Aqui porém tem ele uma desculpa, se há culpa: é este seu dizer assaz freqüente no Brasil, e característico dos mais seguros para se afirmar, *prima facie*, ter uma obra portuguesa sido aqui escrita.” Afirmando que não se aplicava a censuras, nem a proselitismo ou propaganda, viu como verdadeira a observação dessa “liberdade local”.

Afigura-se-me, pois, que não será fácil mostrar, em autor português, antigo ou moderno, já não digo clássico, mas simplesmente de boa nota, as locuções supra-citadas [...] Regula-se (creio eu) por iguais preceitos a colocação, tanto na variação do pronome da 3ª. Pessoas com que apassivamos os verbos, como dos outros pronomes e casos adverbiais que unimos aos verbos reflexos ou recíprocos [...] Frase há em que o uso dos doutos concede liberdade mais ou menos ampla para indistintamente antepor ou pospor aos verbos aqueles pronomes; porém na máxima parte, há regras, de que não é lícito eximirmo-nos, se aspiramos a não ser tidos por muito incorretos. A leitura dos bons modelos é o primeiro guia; mas creio que para as seguintes normas se não achará exceção. (CINCINATO, 1871, n. XI, p.7).

Outro aspecto do “idioma senial” que veio á tona foi aquele dos neologismos. Castilho declarou: “Eu também bato palmas ao neologismo, substitutivo do *compartir*, *participar de*, e mais variantes indígenas [...]”. Em seguida, ateve-se à descrição que Sênio realizou de uma criança, considerando-a “prodígio nunca visto” e apontou suas impropriedades, como aquelas gramaticais, ao afirmar: “Muita palmatoada levou um condiscípulo que tive em gramática, quando éramos pequenitos, e que dizia d’estas! Nunca o mestre lhe pode fazer entrar nos cascos que um nominativo no plural com verbo no singular, é proibido.” Castilho remeteu ainda às declarações de Alencar acerca das mudanças na língua portuguesa, dos progressos que a revolucionavam, ao interrogar: “Será tudo isto progresso na arte de escrever? Será com linguagens e fantasias d’estas, que derrubarão a antipática coluna Vendôme do terso dizer dos mestres?” (CINCINATO, 1871, n. XI, p.8, 10-2).

Retomando as ponderações de Alencar, presentes no “Pós-escrito” à segunda edição de *Iracema*, sobre as censuras a sua maneira de escrever, a qual, segundo o romancista, não provinha da ignorância dos clássicos, mas, sim, de uma convicção profunda a respeito

da decadência daquela escola e estilo, que destoavam no meio da natureza virgem americana, Castilho, citando, literalmente, trechos sob a chamada de “impagáveis notas à *Iracema*”, asseverou: “Sim Sr.; é assim mesmo. Ora comparemos estes modernismos Seniaes com as intoleráveis antigulhas dos clássicos, e abramos um d’estes ao acaso [...]”. Após transcrever períodos de *Eufrosina*, exclamou: “Que homem de gosto há aí, que a dizer tão singelo, elegante, vernáculo, atrativo, prefira os inqualificáveis estilos de um Sênio [...]!” (CINCINATO, 1871, n. XI, p.12-3).

Expressando novamente sua posição bélica, de luta para impor uma dada forma de escrever, mesclou-a com o campo da religião, bateu contra os “inovadores” e suas obras - “monstros literários”:

Esta guerra aos clássicos, para certos escrevedores, é precedida do manifesto da raposa, inimiga da uva. As obras dos mestres, os eternos modelos tornam-se objeto do escárnio dos inovadores, capazes de destronar os Demóstenes e Homeros. Tivemos a escola da antiguidade; depois, certo número de regras tradicionais; mais proximamente, a emancipação de todas as normas, proclamando-se tipo único a natureza; agora, surgem os ministros do belo, sacerdotes do ideal, demolidores

do senso comum, desprezadores de quanto merece veneração, e que não produzem senão monstros literários, sem alcance ou de alcance detestável, sem missão ou com missão desorganizadora, sem forma ou com taxaia das mais incongruentes formas. [...] Uma sub-divisão dessa casta de autores compreende a dos caçadores de efeitos. (CINCINATO, 1871, n. XI, p.13-4).

Ao referir-se a tais “caçadores de efeitos”, sintetizou seus procedimentos:

O processo, neste caso, é singelo. Proclama-se o poder pessoal da excentricidade, embora ridícula; da originalidade, embora extravagante; da novidade, embora absurda; e quando se tem assim embrulhado desatinos e puerilidades em esfarrapado manto de vascosa linguagem vasconça, imagina-se subir em carro ebúrneo às glórias capitolinas. (CINCINATO, 1871, n. XI, p.14).

Castilho buscava desqualificar as proposições de Alencar – “a teoria do sapientíssimo” - e sua prática literária, denominando-as de “excentricidades ridículas” e de “mania do homem”. Ridicularizava o deputado e o literato para indispor-lo junto à opinião pública por sua cruzada contra o projeto da questão

servil (NETO, 2006, p. 312). Em sua primeira epístola, presente no tomo II do livro, que manteve o nome da revista, deu sequência às cartas anteriores, vindo a público em 14 de novembro de 1871. Com ironia, remeteu ao mais recente romance de Alencar, o regionalista *Til*, que o jornal *A República* anunciava publicar em seu folhetim, dizendo:

Uma folha desta capital, de aspirações adiantadíssimas, dá a fausta notícia de que às suas colunas coube a glória de serem escolhidas para uma nova brilhantura romântica do Sr. José de Alencar, o conservador. Há de chamar-se: *O Til!* e justificar a qualificação, já dada ao seu autor, de chefe da literatura brasileira. Com ansiedade é esperado o novo parto da fecunda musa, para glória nacional, orgulho e desvanecimento da pátria.(CINCINATO, 1871, p.8).

Tratando da “história deste monumento”, como, sarcasticamente, adjetivou *Til*, pautou-se nos aspectos políticos da questão como a figura do político conservador, que, após ser recusado no bolo senatorial, reagia ao absolutismo do Imperador e a outros “itens constituintes do credo republicano”. Alencar, monarquista e conservador, agora dissidente, desequilibrava

o campo de forças da política imperial e aproximava-se dos republicanos. Precavendo-se contra os charlatões que andavam a enganar a todos com “sistemas de mistificações”, arte e publicidade, Castilho atacou o letreiro na fachada de *A República* anunciando *Til*, parodiando-o numa redação satírica:

Aqui neste armazém vende-se

O TIL

Produção celebrérrima do chefe da literatura brasileira,
do muito alto, poderoso, talentoso,
imaginoso, judicioso, docto,
conspícuo, erudito, instructo, delicado e sábio

SR. JOSE DE ALENCAR;

Romance de maus costumes; nacional, brasílio e
republicano.

Obra monumental,

destinada a revolucionar as letras e as ciências,
e na qual os curiosos acharão as mais maravilhosas
novidades [...].(CINCINATO, 1871, p. 72-80).

Esse era, proclamava o censor, o modo “empregado para ativar a venda do livro monumental”. Para Castilho, Alencar era fascinado pela fama e glória, mais ainda pelo lucro financeiro, que o levou das filei-

ras conservadoras à arena republicana aceitando um “contrato desinteressado” pelo qual receberia 2000 exemplares, a 900 rs cada e ensacaria “gloriosamente um continha surda”. Mas, para ele, essa corrida pela “glória” era escamoteada pelo discurso misticador de “patriotismo, independência, desinteresse e amor da pátria”. (CINCINATO, 1871, p. 80, 106-7).

Castilho considerou Alencar um escritor decadente. *Til* tinha a marca da “decadência” e recomendou-lhe férias da imprensa com a intenção de “não agravar mais o ridículo em que como escritor tinha caído”. O livro era mais uma das marcas de sua continuada queda e da confusão de suas instâncias criativas. “O *Til* não parece romance, causa pena, manifesta perturbação das faculdades e está abaixo da crítica”, disse. Assinalou “a mania de criação” e a “maledicência” como vícios de Alencar, que diminuía seus antecessores para apresentar-se como o mestre, gigante e eterno do romance brasileiro, mas negou que seu livro possuísse traços próprios das regiões representadas por serem obras da imaginação, sendo caricaturas. (CINCINATO, 1871, p. 108-9).

Essa poesia local e nacional deveria possuir traços sociais, culturais, históricos e naturais próprios,

o que requeria do escritor, energia e conhecimento pertinente e profundo da realidade e do fazer literário para naturalizar-se. Negou que o livro figurasse como romance brasileiro, como Alencar dizia ser, pois tinha:

Caracteres mal desenhados, pessimamente sustentados, descrições sempre defectivas, diálogos impróprios, personagens repugnantes, linguagem muitas vezes abaixo de plebeia, deficiência de senso moral e de alcance do enredo magro e descosido, efeitos mal preparados. (CINCINATO, 1871, p. 109-10).

Castilho denunciava “uma série de belezas de estilo, de gramática, de ciência e de vernaculidade, que pululam no livro”, sugerindo que o afamado escritor se recolhesse para instruir-se e melhor se preparar para exercer seu ofício. (CINCINATO, 1871, p. 110-1).

Ao tratar “das façanhas linguísticas de *Til*”, bateu contra as críticas dadas no “dialeto do elogio mútuo, ou na bajulação torpe, ou na ignorância falaciosa que encobria deficiências de ideias e incompetência de julgamento.” O primeiro volume de *Til* era “indigesto”, o enredo chato, os diálogos desnaturais, impróprios e forçados; as imagens disparates, os caracteres dos personagens repelentes, monstruosos e mal traçados;

a linguagem composta de arcaísmos, de galicismos e neologismos, aspectos e problemas marcados da “escola senial”. (CINCINATO, 1871, p. 145-6).

Atendo-se ao aspecto da língua, afirmou que Alencar a desconhecia; “da língua em que escrevia, nem a escola conhecia: pretendia alturas épicas e carecia de conhecimentos rudimentares. Sem a língua, o mais divino autor é péssimo escritor”, disse. Mas existiam ainda outros problemas: a coerência nas ideias e a consonância entre Alencar e outros autores, os quais davam a tudo configuração de “escola” e de “modernice”, “capa de progressista”. (CINCINATO, 1871, p. 147).

Castilho atacou a descrição dos personagens, ironizou e ridicularizou os caracteres apresentados. Criticou a prática de Alencar de aporuguesar termos franceses e questionou o emprego de vários vocábulos, como aqueles vindos das ciências. Examinou o uso de substantivos e a construção das imagens, vistas como falsificadas, pitorescas, degeneradas; ressaltou que seus retratos eram “painéis ridículos”, artificiais, pitorescos e grotescos; seus personagens sempre semelhantes, monstruosos e inverossímeis, pois conceituais em histórias imaginárias distantes do viver corrente, desnaturais, impossíveis. Alencar opunha-se

aos princípios do campo da arte, não focava o “viver corrente”, o comum da vida, mas as aberrações originadas de sua imaginação e de seu movo de ver e pensar. (CINCINATO, 1871, p. 152).

Reproduziu apreciações laudatórias a Alencar e sua obra das páginas de *A República*, acrescentando, entre parêntesis, comentários irônicos. Para ele, tornara regra na folha republicana uma “linguagem que o endeusava, juízos superficiais e bombásticos; apreciações vagas” e se outra crítica demonstrava o contrário, alegava e provava que tal e qual aspectos eram problemáticos, havia respostas dizendo o oposto; se apontava que o escritor cometia graves erros da língua, viam-se elogios a seu “estilo elegantíssimo” etc. (CINCINATO, 1871, p. 185-6).

O crítico, com ironia, afirmou que era da mesma opinião e que concordava que o ilustre romancista fosse “promovido a semi-deus, ou a deus e meio”, como proclamava os “bons críticos”. Assim, “pouco perdia em ter perdido a senatoria, quem ganhou honras divinas.” Chamando *Til*, de “conto de carochinha”, zombou da construção dos personagens e de seus caracteres, parodiou e satirizou frases e termos. Questionou a acepção de palavras, a língua em que foram escritas

e os significados dados; pediu tradução da “algaravia em linguagem acessível”; analisou frases observando concordâncias verbais e a adequação às normas das conjugações, e ponderou: “Tudo isto [...] há de ficar sem resposta[...] que precisa de estudo e razão (que não se tem).”(CINCINATO, 1871, p. 187, 240).

Castilho, ao estudar a vernaculidade, o estilo, a elegância, as imagens e a poesia do livro, questionou o uso de neologismos, o emprego de palavras novas, que diziam o mesmo que outras já existentes (CINCINATO, 1871, p. 187, 267-8). Condenou a repetição da palavra *um* ou *uma*, atacando o uso do galicismo e o erro gramatical, que significavam “desprezo da língua e incorreção pouco decente; UM enorme galicismo”, recomendava: “Com esse adjetivo deve ter-se cuidado, porque gera _ ou incorreção, quando empregado desnecessariamente _ ou erro formal, quando desvirtuada a sua índole. Com Alencar, dizia, dá-se uma ou outra destas hipóteses. (CINCINATO, 1871, p. 186-7).

Ao questionar o emprego de certas palavras, considerou que “promover passos”, parecia “outro neologismo desnecessário e inadmissível”, “sendo uma inovação a que Alencar não tinha direito, e completamente ociosa, ou antes prejudicial”, pois multiplicaria

as acepções de um verbo, que já tem sentido diverso (CINCINATO, 1871, p. 186-7. Trouxe à pauta ainda o termo “facínora”, esclareceu que nascera há pouco entre os rebeldes estudantes de Coimbra e ia sendo repetido, mas “representava um dizer desnecessário e incorreto”. Por considerar impossível denunciar todas as “belezas” do livro (CINCINATO, 1871, p. 270-1), problematizou o título do capítulo, “Na tronqueira”, visto como “erro”, comentando:

Ou seja porque ignore o valor dos vocábulos, ou porque entenda que desde que uma cozinheira profere um termo, entre este logo no tesouro da língua, tem o Sr. Alencar por costume semear nas suas páginas os termos mais vulgares, os vocábulos mais corruptos, o que é altamente censurável. Que tais corruptelas figurem no diálogo de analfabetos, tolera-se, uma vez que delas não esteja a cada passo destoando o restante dizer: mas que o autor, *próprio Marte*, empregue essas desacertadas palavras, não... [...] Nestas circunstâncias, está o termo *tronqueira*, sem dúvida proferido, mas por lábios rudes. A palavra portuguesa é *tranqueira*, porque se *tranca*. (CINCINATO, 1871, p. 299).

Ação similar realizou com outras expressões, como “palma do pé”, que, próprias das ciências, teriam sido empregadas erroneamente pelo escritor, dizendo:

Isto agora nem a tal cozinheira o diria, porque esse erro é tão crasso, que nem nas ínfimas classes se comete. Nunca, desde que o português foi idioma, se dice senão *palma da mão, planta do pé* [...] É curiosa a infelicidade do docto escritor: está sempre a caçar nas terras das ciências, e sempre a falhar o alvo. [...] Profundidades Alencarianas de ciências botânicas e anatômicas. (CINCINATO, 1871, p. 299-300).

O crítico deteve-se, ainda, à descrição da metamorfose do personagem João Fera, citou parágrafos e os entrecortou com parênteses e exclamações, indicando o quão eram expressões “antípodas ou do gosto, ou das ciências, ou da linguagem, ou do senso comum”. Para ele, tudo advinha do apego à “novidade” e era injurioso especificar “os horrores de locução dessas espantosas linhas”, que inspiravam “compaixão” ao “autor”, “o gênio”. (CINCINATO, 1871, p. 301).

Logo essas cartas são lugares que ancoram memórias (LE GOFF, 1990, p. 472-3) das batalhas simbólicas

travadas no seio da cidade letrada situada na Corte entre grupos opostos de intelectuais ao redor das formas de representar o Brasil como nação independente de Portugal. Elas remetem a um campo de produção cultural ou um campo intelectual, às estratégias, às disputas e às formas de afirmação nele ocorridas, as quais acionaram repertórios socioculturais e históricos num processo de consagração de um escritor ou de questionamento desta. Elas indicam o pertencimento a um ou a outro grupo de intelectuais presentes na disputa, os quais compartilham sentidos, afirmam e contestam posições entre si, reivindicam legados, buscam reconhecimento e expressam uma hierarquização desse espaço intelectual (BOURDIEU, 1992, p. 183-202).

Nesse contexto, Castilho representava a interação dessa cidade das letras (RAMA, 1985) com outras cidades letradas europeias. Inseria-se num jogo de poderes vinculado ao campo político, por seus aliados, empunhando sua pena clássica contra Alencar, elevado por muitos intelectuais ao lugar de chefe e patriarca da literatura brasileira. Delimitou posições, hierarquias, prestígios, lugares e reconhecimentos, negou a Alencar os louros recebidos por leitores, críticos e pares, ao dissecar sua escrita atendo-se aos fatos

da língua e tendo o português europeu como padrão modelar da expressão, mesmo no Brasil (RIBEIRO, 1952, p. 146). Censurou as diferenciações gramáticas, os erros na colocação dos pronomes, o uso de novos vocábulos, de novos verbos, combateu neologismos, brasileirismos, “modernices” na linguagem... Desqualificou Alencar como autor de uma literatura monumento da nação, que incorporasse suas marcas, seus sinais, os perpetuasse, os evocasse, comemorando-a. O imigrante desclassificou e rebaixou a obra alencariana, que de nacional e patriótica fora tachada de artificial e falaciosa. Assim, o censor português buscou desconstruir a imagem de Alencar como escritor afamado, sendo menosprezado pelo romancista que o tinha como charlatão, odioso e insignificante, dele recebendo, no calor das lutas simbólicas, a alcunha de “gralha imunda”. (MENEZES, 1977, p. 283, 289; NETO, 2006, p. 317).

Castilho, “empreitado por D. Pedro II para realizar demolidora campanha contra o romancista e político cearense” (MENEZES, 1977, p. 289), era

Homem de erudição muito segura, mas escritor sem muito relevo, prolixo e fatigante. Aqui viveu [...]

com duvidoso emprego das suas letras, redigindo relatórios de ministros ignorantes ou que desejavam parecer corretos quanto à vernaculidade dos seus míseros aranzéis oficiais. Como quer que seja, gozava de grande conceito, e não pouco talvez contribuiria para o seu prestígio o ser irmão do grande Castilho (Antônio), o prosador e poeta de grande reputação em Portugal e no Brasil. [...] A injustiça e a sem razão dessa crítica maligna, desproporcionada e inepta, era ou parecia ser mais o produto de incontida inveja do que a visão serena da justiça e equidade. (RIBEIRO, 1952, p. 145-6).

Assim, nessas batalhas simbólicas e lutas de apresentação, Castilho decompôs os dois romances de regionalistas de Alencar, censurando-o, sobretudo, por sua independência e oposição aos rigores do vernaculismo português. Ele trazia para seus textos matizes de nosso modo de falar, imagens, tropos e neologismos, vistos como indevidos, e uma gramática portuguesa diferenciada daquela de Portugal, parecendo ao censor uma prática intelectual “revolucionária”, ainda que produzida por um conservador em política, possivelmente, pelo risco que vislumbrava da diminuição do poder da cultura portuguesa na brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. In: ALENCAR, J. de. *Ficção completa e outros escritos*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1965. v. I. p.101-121.
- ALENCAR, José de. O Gaúcho. In: ALENCAR, J. de. *Ficção completa e outros escritos*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1965. v.III. p.21-191.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CINCINATO, Lúcio Quinto [pseud.] CASTILHO, J. F. *Questões do dia: observações políticas e literárias escritas por vários e coordenadas por Lúcio Q. Cincinato*. Rio de Janeiro: Tipografia e litografia Imparcial, 1871. t. I, n. IX,XI, XIX, t II.
- GUERRA DA CAL, Ernesto. *Dicionário de Literatura*. 3 ed., Porto: Figueirinhas, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Ed.UNICAMP, 1990.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *José de Alencar e sua época*. 2 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira;

Brasília: INL, 1977.

MARTINS, Eduardo Vieira. Apresentação. In: TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato: estudos críticos por Semprônio*. Campinas, SP: Ed.Unicamp, 2011. p. 9-37.

MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. 2 ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977.

NETO, Lira. *O inimigo do rei: uma biografia de J. Alencar*. São Paulo: Globo, 2006.

QUESTÃO COIMBRÃ. *Infopédia*. Porto: Porto Ed., 2003-2011.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasileira, 1985.

RIBEIRO, João. *Crítica*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *José de Alencar: o poeta armado do século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

Artigo recebido em 21/11/2012 e aceito para publicação em 28/12/2012